



O TRIPEIRO

Fundado 1908

7ª SÉRIE - ANO XXIII - Nº 7

JULHO 2004

PUBLICAÇÃO MENSAL - 5€

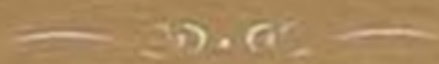


PORTE PAGO

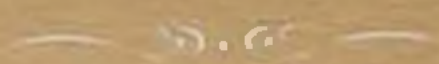


ESPÓLIO DE MARTA ORTIGÃO SAMPAIO
CRUZA PINTURA E LITERATURA

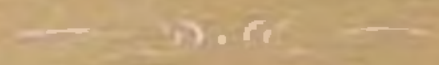
Casa Museu de sobrinha de Aurélia de Sousa e Ramalho Ortigão



ASPECTOS DA OURIVESARIA DE GONDOMAR NO SÉCULO XX:
SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DE UMA ARTE EM RENOVAÇÃO



VINTE ANOS... ANTES
UM CONSULADO CAMARÁRIO QUE MARCOU UMA ÉPOCA



JOSÉ AUGUSTO SEABRA
O rosto de uma afirmação pátria

Os Pinto Leite

UMA FAMÍLIA INFLUENTE NO PORTO ROMÂNTICO*

Francisco Queiroz

OS Pinto Leite que se notabilizaram como negociantes no Brasil, no Porto, em Lisboa e em Inglaterra, eram vários irmãos: Joaquim, António, Manuel, Caetano, José, João e Sebastião, apesar de também terem existido irmãs. Eram todos filhos de António Pinto Leite e de Teresa Angélica Bernardina da Assunção Correia, proprietários da Quinta da Gandarinha, em Cucujães.

Os filhos varões de António Pinto Leite foram para o Brasil, onde fizeram tirocínio no negócio comercial, talvez com algum tio ou parente ali estabelecido, voltando a Portugal com capital suficiente para iniciar negócios próprios. Provavelmente não emigraram todos ao mesmo tempo, pois só terão ido a partir da idade em que pudessem ter suficiente responsabilidade para a actividade comercial. Os primeiros a regressar terão sido os mais velhos: Joaquim (nascido em Cucujães em 1805), José, António e Caetano.

Joaquim Pinto Leite, em particular, estava em 1838 a residir regularmente no Porto, na Rua dos Lavadouros. De facto, em 9 de Março desse ano entrou para a Irmandade da Lapa, instituição da qual chegou a ser vice-presidente (1853). Contudo, só em 1840, tendo 36 anos, adquiriu o competente bilhete de residência. Nessa altura, era súbdito brasileiro e tinha, por isso, de dar conta da sua morada ao administrador do respectivo bairro, necessitando também de passaporte para circular no continente português. No referido bilhete de residência, declarou ir morar para o Largo dos Lóios, n.º 30.

Porém, Joaquim Pinto Leite tinha fundado uma casa comercial no Porto já em 1830, pelo que terá estado no Brasil entre 1820 e cerca de 1829. Torna-se difícil apurar a data exacta do seu regresso, pois julgamos que não terá sido um retorno definitivo, mantendo-se o negócio com o Brasil mesmo após esse re-

gresso. Por exemplo, em 1854-55, devido ao facto de manter estreitas relações comerciais com a Baía, Joaquim ficou encarregado pela Irmandade da Lapa de elaborar uma lista de pessoas junto de quem se promoveria uma subscrição a favor das obras na Igreja da Lapa, subscrição essa que já estava a decorrer no Rio de Janeiro. Por outro lado, o facto de ter feito bilhete de residência apenas em 1840, mantendo-se como súbdito brasileiro, poderá indicar que estaria no Porto ainda de forma não definitiva durante a década de 1830. Não sabemos se esse ano de 1840 marcará a mudança de residência para o prédio dos Lóios (que, ainda hoje, faz esquina com a Calçada dos Clérigos) onde em 1854 morava (no número 56), possuindo no rés-do-chão o seu estabelecimento de tecidos. De facto, na época do Cerco do Porto (1833), Joaquim Pinto Leite residia já no Largo dos Lóios, num prédio que foi isento de aboletamento precisamente pelo facto dele se ter então declarado cidadão brasileiro.

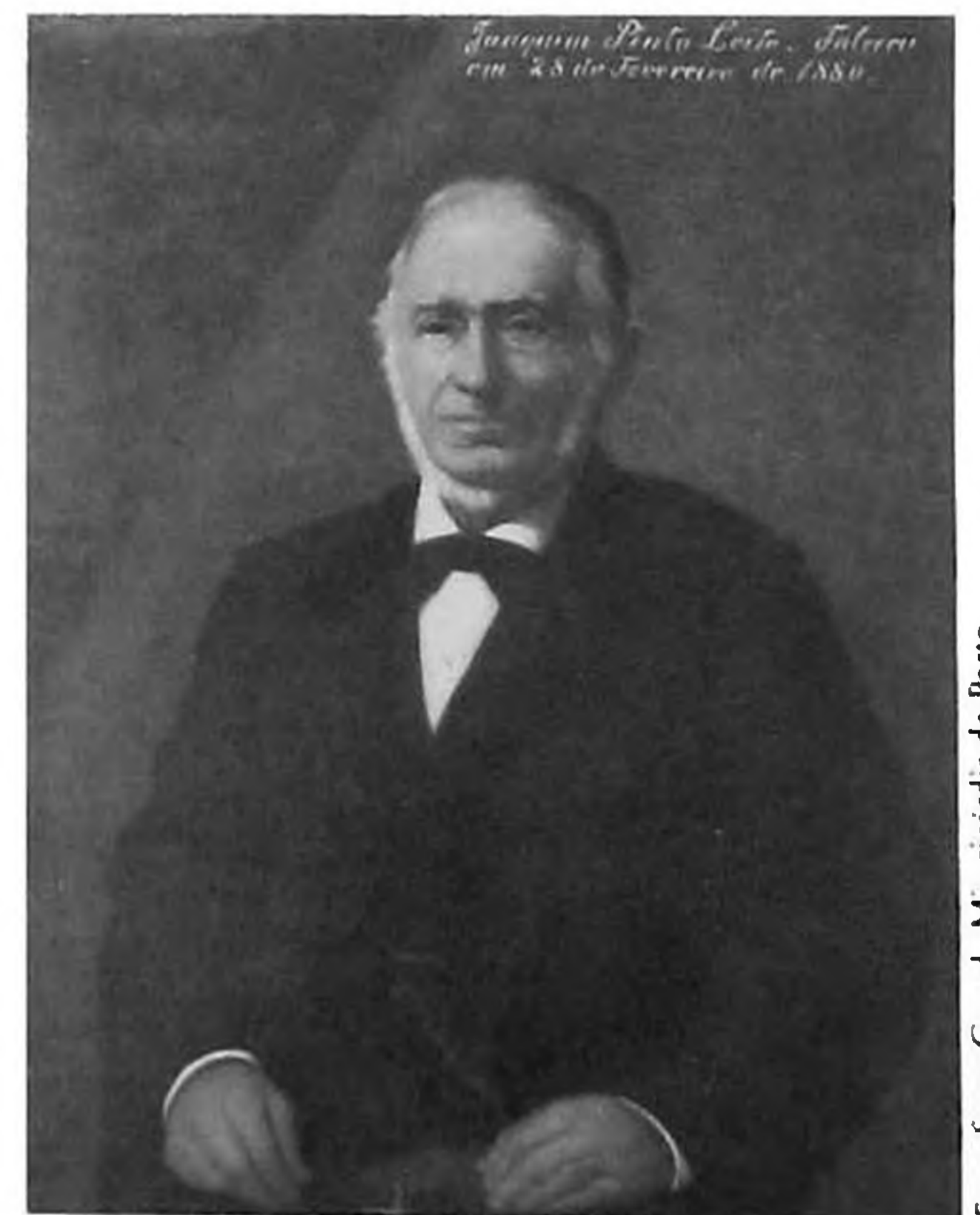
Joaquim Pinto Leite adquiria fazendas por grosso e vendia a retalho. Este importante negócio de tecidos na cidade do Porto era detido por ele, mas foi iniciado em sociedade com os irmãos António, Caetano e, mais tarde, também com Sebastião.

Desde cedo, Joaquim dedicou-se também ao empréstimo de capital, acabando por formar uma importante casa bancária, em conjunto com o irmão José, que fora residir para Londres. Assim, a casa bancária Pinto Leite & Brother (mais tarde Pinto Leite & Brothers, com a entrada de Sebastião, que também foi para Inglaterra), possuía escritórios em Londres e no Porto (na esquina entre o Largo dos Lóios e a Rua dos Clérigos, n.º 91). Dá conta destes negócios a importação de quatro mil soberanos para Joaquim Pinto Leite, em 1851. Em 1859 vieram para o Porto mais nove contos de reis. As movimentações de capital eram intensas. Em 1855, Joaquim en-

trara com 55 acções no recém-constituído «Banco do Porto». Foi também fundador do Banco Comercial, Industrial e Agrícola, em 1861. Foi um dos membros da comissão que promoveu o início da angariação de fundos para a construção do Palácio de Cristal do Porto. Também esteve ligado à subscrição de acções da Companhia do Caminho-de-Ferro, em 1863.

Joaquim investiu o seu capital em várias outras companhias. Uma das suas maiores apostas foi a Companhia de Navegação por Vapor Luso-Brasileira, fundada em Outubro de 1852, da qual foi director. Esta companhia possuía o paquete a vapor «D. Pedro II» – então o segundo maior barco do país e cuja aquisição foi financiada pela firma Pinto Leite & Brother. Esta companhia de navegação não durou muito tempo, tendo sido dissolvida em Abril de 1857. Porém, Joaquim continuou no negócio das viagens transatlânticas. Este último pertenceu também à Comissão do Exame das Contas da Companhia Segurança, no ano de 1849-1850. Em 1861, foi eleito por unanimidade director da Companhia Garantia.

Os irmãos Pinto Leite andaram associados, tendo sido feitas várias sociedades, conforme uns voltavam do Brasil ou se estabeleciam fora do Porto. Em



Joaquim Pinto Leite
Quadro a óleo de Joaquim Vitorino Ribeiro

Fonte: Santa Casa da Misericórdia do Porto

1840, a partir de 1 de Janeiro, a firma Joaquim Pinto Leite & Ca. passava a designar uma sociedade comercial entre Joaquim Pinto Leite e seu irmão Sebastião, tendo cessado a que Joaquim possuía desde 8 de Agosto de 1837 com os irmãos Caetano e João. Joaquim Pinto Leite e seus irmãos investiam em quase tudo o que fosse lucrativo, como era comum na época por parte de capitalistas com espírito arejado e conhecedores dos negócios mais rentáveis no Brasil e em outros países. É o caso do negócio da fundição: a firma Pinto Leite & Irmão, que possuía filiais em Manchester e Liverpool na década de 1860, importava dali materiais para as fundições do Porto. Pode concluir-se pela grande mobilidade comercial dos Pinto Leite e o facto de serem negociantes de grosso trato com ligações à Inglaterra. Em finais de Junho de 1842, José Pinto Leite foi para Inglaterra. Porém, em Maio de 1845 encontramos José como passageiro no vapor «Vesúvio», que fazia a ligação de Lisboa para o Porto, juntamente com o menor António Pinto Leite, de onze anos. Também Sebastião Pinto Leite veio de Lisboa, no «Vesúvio», em Julho de 1849. Por isso, teria já lá negócios nesta década. Sabemos igualmente que José veio novamente de Lisboa em Julho de 1850. Em Abril de 1851, Sebastião foi para Manchester.

A visibilidade social dos Pinto Leite era muito forte no Porto da época. Joaquim era vice-presidente da Associação Civilizadora, em 1846. Pertenceu também à comissão que organizou as festas de S. João no Bairro dos Clérigos, em 1849. Em 1853 deu 24\$000 para as obras do Hospital da Trindade, no mesmo ano em que ofereceu à Câmara Municipal do Porto uma nova bomba de incêndios. Joaquim Pinto Leite pautou-se por várias outras acções filantrópicas, que não podemos aqui mencionar exhaustivamente. Refira-se, no entanto, que contribuiu para o fundo de socorro aos afectados pela febre amarela em Lisboa, no ano de 1857. Para o mesmo fim, José Pinto Leite doou a grossa quantia de um conto de reis. A filha de José, Clementina Libânia Pinto Leite, também exerceu por várias vezes a caridade pública, nomeadamente nos anos de 1860 e 1861. Em

1861, foi Joaquim Pinto Leite quem doou uma quantia para as vítimas das inundações na Régua. Aliás, Joaquim fez parte da Comissão de Socorro para Cabo Verde, em 1863. Pertenceu também à Comissão do Asilo das Raparigas Abandonadas. Caetano Pinto Leite doou igualmente dinheiro para obras assistenciais. Caetano foi Director da Assembleia Portuense, em 1860, a qual funcionava na Praça da Trindade, local onde comprou (em 1857) um prédio a Francisco Ferreira Pinto, adaptando-o a sua residência.

Para compreendermos ainda melhor quem eram os Pinto Leite, refira-se que Joaquim, casou no Brasil com Emília Doroteia Leite (nascida na Baía em 13 de Julho de 1815, falecida em 1885), filha de Luís Monteiro de Sousa, do concelho de Paredes, e de Antónia Maria Monteiro, da Baía. Teve vários filhos, como Joaquim Pinto Leite Júnior, nascido na Vitória (1850), cujo padrinho foi José Pinto Leite, embora tendo tido o abastado António de Sousa Barbosa como procurador (talvez por ausência de José Pinto Leite em Inglaterra).

Joaquim Pinto Leite faleceu em 27 de Fevereiro de 1880. O documento de partilhas, efectuadas em 1881, indica-nos que a totalidade dos seus bens atinge a fabulosa soma de 538 375\$000. Uma grande parte destes bens eram acções bancárias, mas só o seu palacete e o respectivo recheio valiam 54 000\$000. A casa bancária continuou com o filho homónimo, também no Largo dos Lóios, n.º 91.

Quanto ao Comendador José Pinto Leite, foi casado com Carlota Bárbara Leite, cuja filiação se desconhece, tendo deixado família em Londres. José era o pai da já referida Clementina Libânia Pinto Leite, que casou em 1855 com o seu tio Sebastião, o irmão mais novo dos Pinto Leite. Clementina Libânia Pinto Leite foi a Condessa de Penha Longa. O casamento entre Clementina e Sebastião (futuro Visconde da Gandarinha) terá sido combinado, de modo a evitar a dispersão da fortuna da família, uma vez que José Pinto Leite era um homem doente já nessa altura. José faleceu em 21 de Fevereiro de 1860, com 49 anos, culminando uma doença que se vinha agudizando desde, pelo menos,

finais de 1859. As disposições testamentárias incluíram grossas esmolos. Aquando do funeral, por exemplo, foram distribuídas oito mil esmolos, num total de oito contos de reis. Em termos de legados, registou-se um no valor de dois contos de reis, cumprido apenas em 1861. Após o seu casamento, em 1855, Sebastião Pinto Leite passou a residir mais habitualmente em Lisboa, onde possuía um dos melhores palácios da capital, em 1871. Este palácio situava-se na Rua de Santo António, à Lapa. Porém, manteve casa em Londres, uma casa de veraneio na Foz do Douro e adquiriu também a Quinta da Penha Longa – um antigo convento já antes transformado em palacete, que terá sido reformado ao gosto inglês pelo proprietário. Nesta localidade, Sebastião fundou um asilo para crianças (Quinta da Ribeira).

Em conclusão, os Pinto Leite foram uma das mais influentes famílias do Porto de meados do século XIX. Em termos económicos, revestiram-se de uma importância fundamental para a cidade, pois estiveram ligados a grandes negócios e à banca, tendo sido das poucas famílias portuenses que se instalaram com filiais comerciais em Inglaterra, quando nessa época o movimento económico se fazia no sentido inverso: eram sobretudo os ingleses que se instalavam no Porto com os seus negócios. Assim, os Pinto Leite foram das raras famílias portuguesas de negociantes que se podiam dar ao luxo de especular preços no grande mercado inglês, como se equacionou aquando da crise do algodão. As marcas desta grande capacidade económica ainda hoje perduram no Porto, nomeadamente no palacete dos Pinto Leite (que funcionou como Conservatório de Música do Porto nos últimos anos) e no jazigo de família existente no Cemitério da Lapa. Ambas as edificações são notáveis e únicas do seu género no país ■

** Este artigo é uma adaptação de capítulos incluídos no nosso trabalho Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal. Tese de Doutoramento em História da Arte, Porto, 2002, vol. I, tomo 1, p. 670-684. Devemos muitas das informações sobre os Pinto Leite ao descendente José de Nápoles, a quem agradecemos.*